

O tema de *Matraga* 30 – Linguagem e ensino: problematização e diálogo – traz em si um alto grau de complexidade. Decidimos aceitar este desafio e apresentamos ao leitor um conjunto de textos, produzidos por colegas não só de diferentes instituições universitárias, mas, sobretudo, vinculados a diferentes concepções teóricas e, por conseguinte, de diferentes linhas de pesquisa, para que se possa travar um diálogo sobre a aprendizagem da língua portuguesa.

A responsabilidade do presente número do nosso periódico é trazer a lume a problematização da relação linguagem e escola. Acreditamos que este enfoque seja o mais desafiador para a nossa área de conhecimento, pois requer de cada um de nós, pesquisadores neste/deste país de língua portuguesa, a consciência de que não podemos pensar em pesquisa na área sem um olhar acurado para o ensino da língua, seja no básico, seja nos cursos de graduação que visam à formação de profissionais de nossa área. Que esteja claro que não cogitamos da obrigatoriedade da pesquisa aplicada. A perspectiva ora defendida é de que cada um de nós assuma a responsabilidade de propiciar reflexões teóricas, que possam levar tanto ao desenvolvimento das teorias linguísticas, quanto às reflexões sobre a prática pedagógica, subsidiando as políticas linguísticas e as políticas de avaliação, de modo a propiciar o consequente resultado de investimentos de pesquisa: a inovação.

Uma das vertentes dessa inovação pode ocorrer nos diálogos entre pares, envolvendo os estudos sobre o português e o ensino; outra, na forma de mediação de conhecimentos que se dá por intermédio da linguagem nas diferentes áreas de conhecimento; uma terceira, na conscientização do multiculturalismo e suas consequências, não só na prática pedagógica, mas também na construção do conhecimento, pois vivemos em um país plural, além da circunstância de ser a própria língua, como é evidente, plural por natureza; outra ainda, na concepção de letramento, que questiona o processo de alfabetização estrito; por fim, na importante vertente que ocorre na simbiose entre os estudos de linguagem e a formação do professor.

O conjunto de textos que constitui o número reflete o que pensamos sobre inovação em Letras. Apresentamos onze artigos que dialogam entre si e problematizam os estudos acerca da língua portuguesa

em duas perspectivas: a primeira envolve textos que embasam teoricamente a problematização, sem, contudo, prescindir da prática; a segunda reúne artigos sobre tópicos da gramática da língua portuguesa, presentes, em níveis diversos, nos conteúdos trabalhados na escola, à luz de posicionamentos teóricos alternativos à abordagem normativo-prescritiva.

O artigo inicial, inserido na primeira perspectiva, trava um importante diálogo entre a ciência e a linguagem, postulando que, para aprender a língua, também se deve ter curiosidade científica. Este ensaio ratifica o caráter interdisciplinar da produção de conhecimentos e a importância da cientificidade nas abordagens em sala de aula. Para tanto, retoma os estudos de Feynman, um importante físico, que, na década de 1950, questionou, de forma contundente, o ensino de ciências. A proposta do segundo artigo consiste exatamente em questionar o que é ensinar gramática — por que, quando, como —, demonstrando que este ensino deve começar na segunda fase do Ensino Fundamental, porque o conhecimento linguístico enriquece e amplia o conhecimento do sujeito. Apresenta a condição *sine qua non* para os resultados profícuos na tarefa de ensinar: uma descrição mais acurada dos usos da escrita padrão contemporânea, ratificando o caráter heterogêneo da língua e, por conseguinte, o multiculturalismo brasileiro. O terceiro artigo leva à reflexão sobre o conceito de gramática à luz de uma teoria linguística, a enunciação, tomando como princípio uma proposta de Gramática da Enunciação para o ensino de língua materna. O quarto, por sua vez, apresenta o ensino de gramática na perspectiva do texto e do discurso, mostrando que esta escolha é algo maior, orgânico, pois não pode prescindir de escolhas de conceitos que perpassam a língua e a história.

O segundo grupo de artigos é aberto com dois estudos sobre pronomes. Com base em teorias centradas no uso da língua, como o funcionalismo e a sociolinguística variacionista, e num levantamento da forma como alguns pronomes pessoais são trabalhados em gramáticas normativas e escolares, as autoras tratam de mudanças no quadro pronominal, muitas vezes ignoradas pelos currículos escolares presos a uma tradição gramatical que continua cega ao emprego de formas como *tu*, *você(s)*, *a gente*, na fala e na escrita, reais, em língua portuguesa.

Em seguida, a leitura do terceiro artigo convida a repensar o papel da prefixação na descrição da língua portuguesa no que tange ao seu alinhamento à sufixação ou à composição. Para tal, o autor apresenta reflexões acerca da trajetória da descrição desses processos de pala-

vas, partindo da abordagem tradicional, para chegar a uma perspectiva teórica que reconhece a impossibilidade de descrever certas unidades morfológicas de forma discreta.

Sob uma perspectiva variacionista, o quarto artigo apresenta um estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações de vestibular, determinando fatores linguísticos e extralinguísticos relacionados a padrões de concordância que influenciam na avaliação dos candidatos, em razão da correlação entre presença de marcas de concordância verbal e notas mais altas. Nesse sentido, as autoras expõem reflexões sobre a correção textual em seus aspectos estruturais e subjetivos. Também voltado para uma atividade presente no cotidiano de professores de língua portuguesa, o quinto artigo apresenta propostas de exercícios sobre orações subordinadas substantivas, com vistas a uma integração entre gramática, leitura e produção de texto.

Um panorama da forma como o aspecto verbal é abordado em livros didáticos para o Ensino Médio é objeto de análise do sexto artigo. O estudo aponta questões relevantes sobre a classificação aspectual das formas verbais e o modo como esta categoria é trabalhada nos exercícios de publicações escolares. O caráter panorâmico permeia igualmente o último artigo deste número, por meio do qual os autores analisam a preservação e a mudança de sentido dos verbos *ter* e *haver* no português medieval e contemporâneo. A mudança desses verbos de possessivo a existencial gera reflexões sobre as variações existentes na língua portuguesa, consubstanciando a necessidade de encarar os diferentes níveis de fala e escrita no ensino de português.

Ressaltamos, assim, que, em todos os artigos apresentados, de forma explícita ou implícita, perpassa a temática deste número: o diálogo entre Língua e Ensino. Esta característica reitera a responsabilidade a que nos referimos acerca das pesquisas em nossa área de conhecimento, voltadas para o conhecimento linguístico.

O número é encerrado com uma resenha do livro *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança – hip hop*, uma publicação da série Estratégias de Ensino e Aprendizagem, da Parábola Editorial, que aponta a necessidade de considerar aspectos socioculturais, como a multiplicidade de gêneros, para o aprimoramento da capacidade da leitura e da escrita além dos muros escolares. Assim, a resenha apresenta mais uma publicação acerca de estratégias metodológicas de ensino de língua.

Agradecemos a contribuição dos colaboradores, pelos diálogos travados, e do professor José Carlos de Azeredo, pela participação na

concepção deste número de *Matraga*. Esperamos que seu conteúdo extrapole os muros da universidade e suscite reflexões de todos os nossos pares, professores pesquisadores e pesquisadores professores, sobre a língua, sobre o ensino, bem como sobre os aspectos socioculturais envolvidos no aprendizado do português. As ideias estão lançadas!

Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu
Sandra Pereira Bernardo
Editoras